

Editorial

Conversas com os invisíveis: artes da cena e espiritualidades

Daniel Reis Pla

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil
daniel.pla@ufsm.br
orcid.org/0000-0002-0067-6727

Vivemos um momento em que a necropolítica apoiada pela máquina pública coloca em risco nossa sobrevivência. No Brasil, percebemos com preocupação o crescimento das doenças mentais e suicídio, especialmente entre os mais jovens e aqueles pertencentes a grupos minoritários; a Amazônia sofreu, nestes quatro anos passados, o maior índice de devastação das últimas décadas e os governos ainda estão longe de promover políticas que recuperem o meio-ambiente; conflitos têm se intensificado entre diferentes grupos que formam nossa sociedade. A insegurança de uma parcela significativa da sociedade, que se vê alienada das discussões progressistas, alimenta aquela que pode ser considerada como a maior crise da democracia desde a redemocratização em 1985. A aderência de uma parcela da população a um discurso sustentado por informações distorcidas em prol da construção de um líder mitológico deslocou a discussão a respeito de políticas públicas para o campo da moral e da religião, tornando o pensamento uma das principais arenas de disputa dos diferentes discursos.

Neste contexto, a pregação religiosa fundamentalista ganhou espaço e passou a pautar a política brasileira. Não é por acaso que a disputa à presidência, neste ano de 2022, foi repleta de acenos de amizade às diversas denominações pentecostais. O candidato derrotado no pleito chegou a afirmar que esta eleição não se tratava da simples escolha de um novo chefe do Executivo, mas de uma batalha espiritual. Vejo, assim, que a crise que atravessamos é também uma crise espiritual, do que decorre a relevância de discutirmos tal tema.

Foucault (2006) define espiritualidade como o conjunto de práticas, buscas e experiências que tenham por objetivo dar acesso à verdade. Assim, a condição para o conhecimento do que é real passa por uma transformação do indivíduo. Para ele, esse processo tem por finalidade o conhecer a si mesmo no sentido de, num primeiro momento, preparar-se para governar a cidade, e posteriormente, para o governo de si e elaboração de modos de vida que produzam sabedoria e bem-estar.

Nesta direção, os padres do deserto (séculos III ao VI) produziram um

caminho espiritual no qual o silêncio e a abertura para o mistério eram a tônica. O mistério sendo a própria experiência de encontro com Deus, o qual transcende as palavras. Para isso, segundo Grün (2013), eles cultivavam uma visão dietética da vida, com ações voltadas ao corpo, ao pensamento e à vida em comunidade voltadas a criação de um ambiente interno e externo saudáveis. As proposições dos monges do deserto não são moralizantes; antes, voltam-se à prática diária e à criação de sentidos de uma existência na qual oração e ação são sinônimas. Ao invés de uma moral, falamos aqui de uma ética voltada à produção de um modo de vida voltado ao conhecimento. Seja na Grécia, em Roma ou nos primórdios do cristianismo, a espiritualidade não se desvincula da ação sobre si e sobre o mundo e, nesse sentido, ela é política.

No campo das artes performativas, muitas/os artistas tem explorado “a profunda conexão do teatro e da dança com o universo dos ritos e com uma espiritualidade encarnada” (Chamada de Artigos da Revista Conceição, 2022). Neste contexto, termos como Ancestralidade, Espiritualidade, Cosmopolítica, Ritual, Religião apontam para aspectos estéticos, éticos, políticos, existenciais e espirituais de nossas ações, trazendo questões ligadas às motivações que temos ao realizá-las e aos impactos delas em nossas vidas e na coletividade.

Krenak (2020) afirma que nosso modelo social alimenta uma mentalidade doente, que promove a insustentabilidade da vida, seja no plano individual, seja no contexto coletivo. Com o crescimento dos movimentos neofascistas e de extrema direita em escala mundial, vemos que, para além de um processo político e social de exploração e colonização voltado à submissão dos corpos (O’DONNELL, 2016), agora a política e a economia têm como foco a submissão da vida psíquica dos indivíduos aos seus interesses. Berardi *apud* O’Donnell (2016) define a ação dos sistemas econômicos hegemônicos sobre os indivíduos como uma economia política da atenção, a qual tem por alvo as experiências vividas e a formação de subjetividades. A captura da subjetividade se dá por meio de instrumentos de comunicação: mídias, aplicativos e estratégias de propaganda diretamente ligadas aos processos de funcionamento cerebral. O sucesso dos discursos é medido em *likes* e engajamento aos perfis da rede, que alimentam modos planos de pensar e perceber. Passa-se a viver em bolhas confortáveis, mas que não nos permitem tocar o pé no chão e distorcem as imagens que chegam à nossa visão. Assim, o pensamento voa, porém sem a resistência que o mundo pode nos proporcionar e que nos auxiliaria a discernir a realidade da ilusão.

A arte na sua relação (crítica) com a espiritualidade - seus ritos, princípios, crenças - pode ser vista como um processo de resistência a um modo de vida sustentado no desempenho e num excesso de positividade e narcisismo que, em última instância, nega ao indivíduo a dimensão do encantamento e o afasta de si e do outro. Falar do espiritual na arte - parafraseando Kandinsky - pode ser visto como trazer a dimensão do invisível para o centro da ação, falar daquilo que dá sentido à existência, produzir espaços, agroflorestais talvez, de cultivo e colaboração calcados na diversidade. Espiritualidade enquanto resistência ao sequestro das subjetividades por um sistema de produção que alimenta o esgotamento a partir da valorização de uma ideia que Byung Shul-Han (2020) chama de empreendedorismo de si mesmo: um sujeito que se pensa totalmente

independente em busca do prazer cuja promessa, tal como a terra prometida bíblica, nunca se completa. Espiritualidade como raiz que nos firma no chão e que toca outras raízes, num processo de colaboração que nos alimenta por meio de nossas heranças ancestrais e que nos permite dar alimento ao futuro que se anuncia.

Neste número podemos observar diferentes dimensões dessa espiritualidade encarnada. A criação de sentidos a partir do resgate de ancestralidades ameríndias é evidente no texto de Ruth Ribeiro que, em seu relato das experiências vividas na Teko Haw Maraka'nà, aldeia em contexto urbano na cidade do Rio de Janeiro, resgata a noção de ancestralidade e o entendimento de território a partir da visão guarani. Neste texto, a dança e a somática se unem por meio das experimentações Corpo-Terra, tornando-se agentes de um processo de cura das feridas coloniais que ainda afetam os povos originários.

Já o texto de Renata Zanete apresenta o processo de criação em teatro comunitário do espetáculo 'A Céu Aberto', pelo grupo de Teatro do Campo, da Associação Cultural Rural Vivo, realizado em Terras de Bouro, Portugal, entre fevereiro e junho de 2022. Ela descreve como princípios do Teatro do Oprimido e do Teatro Comunitário foram agenciados de modo a promover uma reflexão junto à comunidade acerca dos processos de exploração e destruição ambiental sofridos por ela. Embora a noção de a(r)tivismo não tenha sido diretamente utilizada, a autora se vale dessa perspectiva para analisar a prática desenvolvida

A dimensão da coletividade está presente também no texto de Gabriely Lemos e Éden Peretta, que analisam uma obra do coletivo anticorpos (UFOP), colocando em diálogo o pensamento de Agamben (2002, 2004) com matrizes poéticas da dança Butô. Essa dança é definida pelos pesquisadores como uma atividade que nos convida a um posicionamento político e ideológico, desconstruindo sentidos e valores ultrapassados. Evidencia-se ainda a discussão a respeito da biopolítica, como definida por Foucault (1999), contrastando-se no processo artístico um corpo de carne que se afirma na presença com a dissolução de um corpo social opressor.

Ana Caldas Lewinhson traz uma homenagem ao Mestre Biu Alexandre, falando de sua performance como Caboclo Arubá. No texto, ela traz noções de ancestralidade, encantamento e de uma espiritualidade ligada à terra e aos sentidos, falando de presença como uma qualidade ligada a inteireza e a fé.

O texto de Sondra Fraleigh nos convida a pensar a dimensão da espiritualidade enquanto trabalho sobre si. Valendo-se da somática e da fenomenologia, o cultivo da escuta consciente por meio da caminhada para trás permite-nos um deslizamento para dentro, sensibilizando-nos para questões ambientais e éticas ligadas ao cuidado planetário. Neste mesmo sentido, Mauro Rodrigues traz o conceito de "comportamentos restaurados" (SCHECHNER, 2003) para discutir o automatismo das ações humanas e a possibilidade de se conectar através da atenção com uma natureza não automática. Também toca questões ligadas à espiritualidade e estilo a partir do conceito de formatividade (PAREYSON, 1993).

Na sessão Livre da revista, temos uma variedade de temas, passando pela discussão metodológica proposta pelo texto 'Indiscerníveis', o qual propõe a

micrografia enquanto um deslocamento metodológico pautado na cartografia, envolvendo as ciências ambientais e humanas e valorizando as escritas minoritárias nos processos de descrição e análise dos fenômenos. Já no artigo 'O trágico na pós-modernidade', o autor traz a dimensão dionisíaca do trágico enquanto perspectiva para explorar as potencialidades subversivas da arte-educação na pós-modernidade, dando destaque ao corpo enquanto força política emancipatória.

O artigo 'A mudez da escuta e o encanto das palavras' traz o tema da espiritualidade ao centro mais uma vez ao examinar o espetáculo *Virgin Suicides*, da encenadora alemã Susanne Kenedy, no qual se evidencia a relação com a espiritualidade a partir da proposta da artista pensar um "teatro cósmico" e da inspiração no *Bardo Thodol*, conhecido como Livro Tibetano dos Mortos. Partindo de uma descrição fenomenológica do momento em que assistiu ao espetáculo, o autor dá ênfase à função encantatória das vozes gravadas presentes na encenação, relacionando o efeito das palavras ao xamanismo.

Em 'As potencialidades da arte como ferramenta ontológica para adiar o fim do mundo', apresenta-se uma pesquisa qualitativa de caráter explicativo cujo objetivo é investigar a noção de educação estética proposta por Schiller (2017) em relação à teoria do desenho ontológico de Escobar (2016), evidenciando a importância da arte como ferramenta para a transição às ontologias harmoniosamente integradas à natureza.

O artigo 'Construção paródica por pessoas afásicas' apresenta um processo de criação teatral performativa com pessoas afásicas no IEL/UNICAMP, focando-se nas singularidades manifestadas no trabalho expressivo das atadoras afásicas. Em 'Repetição e Espontaneidade' se propõe um diálogo entre Sanford Meisner e Keith Johnstone, atentando a esses princípios como elementos que auxiliam o ator e a atriz a burlar instâncias inibidoras ligadas aos comportamentos e conceitos que definem nossas ações cotidianas. Chegando no texto 'Poéticas cerratenses em processos de criação em dança', encontramos mais uma vez a discussão acerca da criação artística em diálogo com o território, tensionando concepções coloniais. O Cerrado é visto enquanto um ser vivo, e os processos de criação descritos se dão a partir da vivência das mulheres que habitam esse espaço, propondo-se a noção de corpo-cerrado para pensar a biogeografia cerratense como impulsionadora da criação. Já em 'Montagem, Narrativa, Discurso', se faz uma análise da encenação 'de Cabras: cabeças que rolam, cabeças que voam...' da Cia Teatro Balagan, com direção de Maria Thais, realizando aproximações entre os procedimentos metodológicos operados pela encenadora para a formulação da narrativa e a teoria da montagem cinematográfica. O texto 'O ato de inventariar práticas artístico-pedagógicas através de três companhias de teatro de Maringá-PR' foca-se no ato de inventariar performances, tendo como objeto algumas montagens realizadas na cidade de Maringá-PR e focando-se nos aspectos sociais, políticos, culturais e existenciais ligados à essa prática.

Finalmente, a presente edição fecha com duas entrevistas. A primeira com Maria Lucia Lee que, através de um relato autobiográfico, evidencia as relações entre medicina chinesa, ancestralidade e arte. A segunda com I Nyoman Terima, ator de dança-dramas balineses tradicionais, que vai relatar processos de treinamento nos quais arte e espiritualidade se vinculam.

Acredito que falar de espiritualidade na arte é um convite a cultivar outros olhares sobre nossa ação. Para isso, torna-se necessário relaxar o olhar, permitir que visão se desfoque um pouco e que as margens ganhem certa visibilidade. Ao olharmos para espiritualidades não hegemônicas, como por exemplo as encontradas nos povos originários, nas tradições afro-brasileiras, no catolicismo caboclo das manifestações populares, podemos encontrar pistas de novos modos de existência que promovam a integração do indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e com o mundo. Arte enquanto território de encontro com nossos invisíveis.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRÜN, Anselm. **O céu começa em você: A Sabedoria dos Padres do deserto para hoje**. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2013. E-Book.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2020.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está a venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O'DONNELL, Aislin. Introduction: Is there a problem with mindfulness. *In: Philosophy East/West: Exploring intersections between Educational and Contemplative Practices*. Malden-USA: Wiley Blackwell, 2016. E-Book.